



Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/UBÁ  
Graduação em Psicologia

**A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SEUS ATRAVESSAMENTOS: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DO BILINGUISMO**

*The psychoanalytic clinic and its intersections: a reflection concerning bilingualism*

*Paula Parreira Filgueiras; Ronaldo Chicre Araujo<sup>2</sup>.*

<sup>1</sup>Discente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos - FUPAC/Ubá.

<sup>2</sup>Psicólogo; Professor do curso de Psicologia da Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/Ubá.

**RESUMO**

Esse estudo consiste em uma revisão bibliográfica. A concepção freudiana de linguagem é a de que existe uma heterogeneidade entre a representação da palavra e representação da coisa, e o efeito da significação em cada uma delas se concretiza através de um complexo de associações. A finalidade da pesquisa é investigar como a natureza interlinguística de pacientes bilíngues é implicada na clínica psicanalítica. Foi utilizado como base dados livros, o Google acadêmico, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *National Library of Medicine (NIH)*, *Taylor and Francis Group* e *American Psychological Association (APA PsycNet)*. O inconsciente pode ser compreendido em uma vertente da seguinte maneira: sendo uma linguagem que fala no sujeito, mas também apesar do próprio sujeito. Na análise em língua estrangeira é estabelecido um enlace entre os afetos e as lembranças que, ao expressar-se em uma língua diferente da materna, possibilita um distanciamento das proibições e exigências do superego para que assim sejam feitas as ligações entre as representações e os afetos. A relação terapêutica pode ser afetada pela escolha da língua que conduzirá a análise, assim produzindo diversas reações de transferência e contratransferência. Elas variam de hostilidade e desconfiança à idealização, quando analista e paciente vêm de uma origem linguística completamente diferentes ou então similares. O conhecimento exposto tem a finalidade de auxiliar na compreensão da clínica psicanalítica com pacientes bilíngues e suas implicações nos mecanismos de recalque e transferência e destaca-se a importância de mais estudos relacionados ao tema abordado devido à grande diversidade de resultados encontrados.

**Palavras-chave:** Clínica psicanalítica, Pacientes bilíngues, Língua não materna, Recalque, Transferência.

**ABSTRACT**

This study consists of a literature review. The Freudian conception of language is that there is a heterogeneity between the representation of the word and the representation of the thing, and the effect of signification in each is realized through a complex of associations. The purpose of the research is to investigate how the interlinguistic nature of bilingual patients is implicated in psychoanalytic clinics. Books, Google Scholar, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *National Library of Medicine (NIH)*, *Taylor and Francis Group*, and *American Psychological Association (APA PsycNet)* were used as a database. The unconscious can be understood, in one strand, as follows: being a language that speaks in the subject, but also in spite of the subject itself. In foreign language analysis, a link is established between the affections and the memories that, when expressed in a language other than the mother tongue, enables a distancing from the prohibitions and demands of the superego, so that connections can be made between the representations and the affections. The therapeutic relationship can be affected by the choice of language that will conduct the analysis, thus producing various transference and countertransference reactions. These range from hostility and distrust to idealization, when analyst and patient come from a completely different linguistic background or a similar one. The exposed knowledge has the purpose of helping in the understanding of psychoanalytic clinics with bilingual patients and its implications in the mechanisms of rebound and transference.

**Key-words:** Psychoanalytic Clinic, Bilingual patients, Non-mother tongue, Rebound, Transference.

.....  
**Endereço para correspondência:** Paula Parreira Filgueiras

Rua Sinval Candido de Oliveira, 45, Bairro São Judas Tadeu, Ubá – MG CEP 36.502-274<sup>[1]</sup>

**e-mail:** paulafilgueiras99@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A prática clínica da psicanálise foi responsável por introduzir um novo sentido à função da linguagem, marcada pela representação. A concepção freudiana de linguagem é a de que existe uma heterogeneidade entre a representação da palavra e representação da coisa, e o efeito da significação em cada uma delas se concretiza através de um complexo de associações. A relevância da intensidade se dá a partir do momento em que Freud concatena a noção da pulsão junto à representação, o que causa uma expansão desta discussão. A partir de então, questiona-se a restrição do sistema representativo em relação aos campos verbal e racional, assim como a ideia de exclusividade da dimensão semântica da língua. A linguagem, para a psicanálise, começa então a envolver também aspectos não gramaticais, não linguísticos e ilógicos (Andrade, 2016).

A linguagem é fundamental para determinar como a realidade é enxergada. Está fortemente ligada à cultura e representa uma espécie de arranjo no qual as pessoas organizam as palavras e configuram o principal mecanismo de comunicação interpessoal. Além disso, expressa um importante papel na formação de relações objetais durante a infância. Mesmo muito pequena, a criança, ao escutar a voz da mãe, consegue saber que ela está ali. À medida que a criança se desenvolve, outros indivíduos começam a ocupar um espaço importante no desenvolvimento do significado da linguagem para ela. Tais interações tomam constante e importante parte do período de desenvolvimento da criança no campo linguístico, até que ela inicie verbalizações. Se for bilíngue, estas memórias primárias serão lembradas através da língua materna (Lijtmaer, 1999).

Lacan, indo em direção oposta à digressão norte-americana da compreensão linguística, a partir da década de 60, utiliza ferramentas que não estavam à disposição de Freud, os seus linguistas contemporâneos, para falar de um inconsciente estruturado pela linguagem. Conceito fundamental na teoria lacaniana, o significante é imprescindível para falar de um sujeito. O signo linguístico diz respeito a uma entidade psíquica dotada de duas faces, o significado como o puro conceito, e o significante como a imagem acústica. Um não existe sem o outro, e em conjunto formam uma elipse. A significação é produzida a partir da relação de significado e significante, e seu valor é determinado a partir de uma combinação entre signos dentro de um sistema (Longo, 2006).

Além disso, deve-se levar também em conta a questão do intraduzível no campo da linguagem. No âmbito da relação com o sujeito, essa falha pode ser melhor compreendida por

meio da subversão. A negação aponta que, para uma língua, outra não é completamente estrangeira e sem reciprocidade, mas sim localizada na fronteira e separada pelo intraduzível. A passagem do significante de uma língua para outra é um dos modos mais produtivos para se perceber como a ambiguidade só pode ser percebida por alguém que tem o conhecimento de ambas as línguas, colocando-as, assim, em um estado de continuidade, como se suas diferenças fossem abolidas (Hatem, 2020).

O tratamento de pacientes bilíngues se mostra complexo perante o fato de que o sujeito é capaz de operar em códigos linguísticos diferentes, por onde se comunica e experiencia o processamento de percepções. Em toda sua complexidade, a língua expressa conteúdo mental de três formas diferentes. A primeira delas é através do eu, a segunda através da expressão de material inconsciente e a terceira é por meio de particularidades da linguagem. Assim, respectivamente, a língua comunica materiais advindos da consciência, expressa material inconsciente usando o mecanismo da consciência como mediador e, por fim, produz formas de manifestação do inconsciente particulares através da pronúncia (Javier, 1989; Krapf, 1955).

Por meio de estudos sobre a psicanálise freudiana e lacaniana e sua estreita relação com o campo da linguagem, torna-se importante a exploração do assunto. Dessa forma, considerando que a linguagem é de extrema importância para a formação do inconsciente e também para a análise, é através da atividade mental da língua que o vínculo da transferência é estabelecido, e também por ela se acessa o conteúdo recalcado do sujeito. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo investigar como a natureza interlinguística de pacientes bilíngues é implicada na clínica psicanalítica.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Linguagem e psicanálise: contextualização histórica e conceitual**

Apesar de não ter sido responsável pela criação de uma teoria da linguagem, a psicanálise é permeada pela linguagem desde seus primórdios, ao longo do desenvolvimento da teoria freudiana. O tratamento com a paciente histérica de pseudônimo Anna O., realizado pelo médico Joseph Breuer no ano de 1881, através da cura pela palavra, simboliza o que quinze anos mais tarde se tornaria fundamental para a psicanálise: tudo atravessa a linguagem. Ao abordar a afasia, que se refere ao poder de expressão através da fala, sinalização ou escrita, ou perda de capacidade de compreender as palavras, Freud esboça uma teoria da linguagem (Longo, 2006).

De um ponto de vista psicológico, a palavra é a unidade funcional da fala, sendo ela uma combinação de elementos visuais, auditivos e cinestésicos, ou seja, um processo associativo. O significado de uma palavra ocorre, contudo, através de uma conexão com a representação do objeto, também formado por meio de um complexo de associações variadas. Quando patológica, a representação da palavra é interligada em sua extremidade sensorial à representação do objeto, sendo esse processo uma perturbação patológica denominada afasia. A definição total da linguagem não se trata da dimensão repetitiva, mas sim da habilidade de construir novos formatos semânticos e significados, isso é essencial. Portanto, existe uma perspectiva holística que permeia a linguagem, na qual fragmentos da palavra não funcionam de forma isolada, mas sim dentro de um sistema linguístico onde o psiquismo tem sua expressão (Freud, 1915/1974; Andrade, 2016).

No início da teoria freudiana, tal definição ficou perceptível, principalmente em casos de pacientes histéricos. Nessas situações, a tradução da emoção em palavras é um importante processo para a cura dos sintomas. Para o processo psicanalítico, a lembrança de um acontecimento sem a emoção que o fato causou não produz resultados satisfatórios. O processo psíquico deve refazer uma trilha até sua origem e ser verbalizado. Portanto, torna-se perceptível a influência da linguagem na fundação da psicanálise. O ser humano encontra na linguagem uma substituição para a ação, com o auxílio do qual o afeto pode ser ab-reagido quase da mesma forma. Por vezes, o próprio ato de falar é o reflexo convergente, como uma queixa e confissão de um segredo que gera tormenta. As pacientes histéricas, ao levarem a técnica de hipnose ao fracasso, fundam o lugar do analista, entrando em cena a utilização da associação livre (Freud, 1893/2016; Longo, 2006).

A importância da linguagem na psicanálise também é discutida por Lacan. Ao fazer o retorno a Freud, Lacan retoma também a importância que a psicanálise atribui à linguagem, que envolve completamente o inconsciente. A partir disso, surge a afirmação lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, concepção que nasce através de influências da teoria linguística de Saussure (1916). A língua consiste em um sistema de signos que expressam ideias e por esse motivo é comparado com a escrita, ritos simbólicos, o alfabeto dos surdos, aos formatos de cortesia, aos sinais militares, entre outros exemplos. Ela é nada mais nada menos do que principal nesses sistemas. A entidade linguística existe fundamentalmente pela associação entre o significante e o significado, sendo que sem um desses elementos, ela se desfaz e o lugar de objeto verdadeiro encontra-se somente um puro abstrairmento (Saussure, 1913/2006; Savio, 2021).

Tomando como base a ideia de significante, Lacan formula outro conceito fundamental para a psicanálise, unindo-a aos estudos linguísticos e discursivos, o sujeito. O significante representa um elemento mínimo, com um caráter essencialmente posicional, operando como demarcação de uma diferença para outro significante dentro de uma cadeia linguística. Entretanto, no olhar psicanalítico, o significante apresenta uma distinção fundamental do que é utilizado no campo da linguística em geral: um sujeito emergido na estrutura. A definição lacaniana de significante indispensavelmente considera a emergência de um sujeito, o que é resumido na ideia de que um significante representa um sujeito para um outro significante. Sendo assim, Lacan articula as teorias da estrutura e do significante com uma teoria do sujeito (Lacan, 1973/2003; Machado, 2011).

Na interpretação psicanalítica, o sujeito do inconsciente é efeito do significante, sempre submetido aos significantes que, por fim, vão lhe suceder. Em outras palavras, o sujeito encontra-se apagado nos significantes que se apreendem a ele, fenômeno chamado de afânise do sujeito. Sendo assim, o sujeito para a psicanálise, como um efeito do significante, toma o lugar de efeito da linguagem: ele está submetido aos significantes e dirige-se ao Outro, o inconsciente. Dentro dele, uma palavra em si não possui sentido sem um sujeito que se tome o lugar de responsável e responda por ela, sempre de acordo com a representação que a palavra em questão tem para si, em sua história particular. O significante é contingente e o sujeito toma-o como indispensável. Por outro lado, o significado nada mais é do que o resultado da interlocução existente entre dois significantes que, em conjunto e mediante o efeito de retroação, criam um efeito de sentido que inevitavelmente se endereça a um outro significante. O significado e o efeito de sentido sempre são o produto de uma articulação binária entre os significantes, sendo estes opostos (Longo, 2006; Machado, 2011).

Existem inegáveis discussões na literatura analítica em relação à inversão do algoritmo saussuriano realizado por Lacan. Entretanto, Saussure confere privilégio para o significante em detrimento do significado. A noção saussuriana da arbitrariedade do signo linguístico faz com que a língua fique à margem de uma real possibilidade de ser ativamente modificada: aquilo que é arbitrário não está calcado em um contexto de razoabilidade e dentro de uma norma justificante do seu emprego e sua discussão. A causalidade do signo linguístico é real dentro de um sentido lacaniano, não é sustentada aos moldes de um saber simbolicamente passível de ser localizado e enunciado. Essa ausência de norma e a falta de uma base sólida para a escolha de um significante em detrimento do outro torna impossível discutir e colocá-lo em questão: ele sempre vai escapar ao falante. A descoberta freudiana é justamente concentrada no ato de reconhecer que um sujeito não detém o controle de sua enunciação. Isso significa que ele é,

inevitavelmente, assujeitado pela linguagem ou, sob um olhar lacaniano, padece da linguagem (Machado, 2011).

Servo da linguagem, o sujeito da psicanálise não é aquele que pensa, mas sim o que fala. É um sujeito desejante, pois o desejo não se separa do pensamento inconsciente. O desejo de fazer sentido é aquele que nunca se satisfaz, sendo assim da ordem do impossível. Então, repete-se, incansavelmente, o ato de deslizar na cadeia significante, até o momento da morte: o desejo de fazer sentido é o desejo de morte, se resumindo ao fato de que o sentido absoluto é a morte. Entretanto, o inconsciente encaminha o homem para o símbolo, a metáfora, e para a grande ficção que é a linguagem, substituta de uma realidade, sempre criando outra e adiando o sentido. Por fim, é sempre da linguagem que o sujeito vai se valer, pois é a palavra que diz o que somos (Longo, 2006).

A estabelecida tríade freudiana que se propõe a realizar uma articulação do inconsciente com o campo da linguagem (*A interpretação dos sonhos, A psicopatologia da vida cotidiana e Os chistes e suas relações com o inconsciente*) mostra o tempo inteiro o caráter estranho e de alteridade que a língua e a linguagem têm para o próprio falante, a forma como ela escapa àquilo que é da sua vontade, insubordina e sabota as intenções de quem fala. Sendo assim, o inconsciente pode ser compreendido, em uma vertente, da seguinte maneira: sendo uma linguagem que fala no sujeito, mas também apesar do próprio sujeito (Machado, 2011).

### **A língua não materna e sua relação com o recalque**

A família é o principal sistema de transmissão de cultura, prevalecendo no processo de educação, na repressão instintual e aquisição da língua chamada, de forma legítima, materna. A partir disso, são realizados os processos fundamentais que constituem o desenvolvimento do psiquismo, a forma como as emoções são organizadas de acordo com o condicionamento do ambiente, dando base para os sentimentos. Em suma, o sistema familiar transmite estruturas comportamentais e de representação que, funcionalmente, ultrapassam as barreiras do consciente (Lacan, 1938/2003).

Quando a criança nasce, ela é atravessada pelo universo linguístico de suas primeiras pessoas de referência, a função materna. Esse primeiro encontro marca algo que acompanhará o sujeito pelo restante de toda a sua vida. Ademais, a intervenção realizada pela função paterna acusa a entrada no mundo da linguagem, o que leva a criança a ser introduzida no mundo simbólico e assim interditando a relação fusional com a mãe. A linguagem é o que ela vai usar de apoio para representar a figura materna, pois, através das palavras, seus significados, poderá continuar uma relação com a mãe quando ela estiver ausente. Tal passagem da vida da criança

é ilustrada por Freud por meio de suas observações feitas com seu próprio neto. As palavras *fort-da* se entrelaçam na brincadeira da criança apontando um jogo de brincar de vai e volta. A partir da ilustração do jogo infantil, Freud demarca a tentativa da criança em simbolizar sua separação da mãe. Além disso, a brincadeira é também um instrumento utilizado para controlar ativamente o fato de que a criança sofre diante da ausência da mãe. Com o passar do tempo e à medida em que desenvolve a capacidade de introjetar a representação simbólica do jogo, a brincadeira já não é mais necessária, sendo substituída pela palavra representada. Portanto, a linguagem delinea a aproximação e separação da criança com a mãe (Baldin & Vidal, 2019).

Graças ao jogo de significantes, a língua materna é onde se escuta o desejo do que é da ordem do impossível. O objeto interdito é o que faz uma língua ser designada como materna, tornando-a assim íntima e familiar (*heim*). Esse mesmo interdito é o que dá significância à língua. Em se tratando de uma língua estrangeira, o retorno dos significantes inconscientes não pode mais ser escutado como a expressão de um desejo, mas sim em forma de um erro sintático ou lexical. Entretanto, pode-se falar uma língua estrangeira com maior facilidade do que a própria materna, levando em conta a ordem afetiva que as diferencia, como se a barreira formada pela significância estivesse sendo superada e, sendo assim, tudo pode ser dito. O que entra em jogo, contudo, é o fato de que, para o locutor, a mãe incluída na língua não passa pelo processo de interdição, visto que se trata de uma língua estrangeira. É importante também destacar a ocorrência da resistência em aprender uma língua estrangeira pela despersonalização que ela implica. Pode até mesmo ocorrer a mudança de neurose durante a passagem de uma língua para outra. Por exemplo, alguém originalmente obsessivo pode vir a se tornar um histérico (Melman, 1992).

A função e uso de palavras em língua estrangeira e sua relação com o psiquismo e o processo terapêutico iniciou sua abordagem psicanalítica com Ferenczi. No artigo “On Obscene Words”, é descrita a dificuldade enfrentada por pacientes ao fazer associações em voz alta através de palavras obscenas. Isso é traçado até os estágios iniciais do ser humano, na fase de desenvolvimento, palavras obscenas em sua forma comum são aquelas que estão à disposição da criança durante seu estágio inicial, quando um grande investimento é depositado na teorização sexual infantil. É também correspondente ao momento em que as palavras são mais vivenciadas em forma de objetos do que ideias e representações. Essas palavras são recalçadas durante o processo de latência, visto que têm forte ligação com a fantasia sexual. O resto do sistema linguístico se desenvolve e assume uma natureza abstrata, enquanto as palavras obscenas permanecem pouco desenvolvidas, sendo assim, menos abstratas e mais semelhantes a objetos, além de altamente carregadas. Como resultado, se tornam difíceis de pronunciar,

visto que foram ridicularizadas com vergonha. Palavras estrangeiras que substituem palavras obscenas originais são usadas de forma defensiva, em outras palavras, não cumprem o papel das palavras obscenas de forma alguma (Or-Gordon, 2021).

Para qualquer trabalho de análise, o eixo nodal é o êxito de conseguir entrar em contato com a enigmática língua do inconsciente, e o trabalho com pacientes que estão em uma língua não materna apresenta um desafio duplo: acessar conteúdos recalçados por via de uma língua estrangeira. A literatura da clínica psicanalítica a respeito do multilinguismo evidencia arranjos de setting variados, entre eles mudar ativamente de língua e realizar de forma atenta a escuta de mudanças e intrusões linguísticas no discurso do paciente. A retomada de tais dispositivos evidencia diversas possibilidades, assim como significativos e complexos impactos nas dimensões narcísicas, ideais, de identificação e nos mecanismos de defesa – destacam-se o recalque e a cisão. Pode-se supor, por vezes, a existência de efeitos na análise conduzida em línguas que não sejam a materna. Entretanto, insiste na questão da presença de limites em uma análise realizada em uma língua diferente da materna (Yu Yu et al., 2018).

Importantes observações a respeito da língua estrangeira devem ser levadas em consideração. Em primeiro lugar, a influência de diferentes idiomas no processo de autorrepresentação pode expressar diferentes conflitos e aspirações. Segundo, a aquisição de uma nova identidade pode ser realizada durante a adoção de uma nova língua. Um enriquecimento interno e cognitivo é possibilitado pela dimensão multilíngue. Porém, deve-se levar em conta que a real organização mental do sujeito multilíngue permite especialmente a instauração de defesas, cisões e recalçamentos. Por vezes, uma nova língua permite um renascimento, representando uma âncora que salva vidas. Em outros momentos, pode justificar um ato de mutilação do mundo interno do eu. É importante que se faça a distinção entre uma aquisição de conhecimento, emergente como resultado de uma dor modificada – conhecimento que possibilita novas descobertas – da posse de conhecimento, que indivíduos dominantes de mais de uma língua podem utilizar para esquivar de experiências dolorosas. Eles têm à disposição uma defesa que permite que áreas da vida psíquica potencialmente problemáticas sejam evitadas. Não apenas uma parte ou um subconjunto, mas toda a linguagem da sexualidade infantil pode ser driblada na mudança para uma língua estrangeira. Quando isso ocorre, obviamente o acesso a esta área, que é intimamente relacionada a sons verbais bem específicos e também nomes, é negado ao analista e ao próprio analisando (Akhtar, 1995).

Em contrapartida, de acordo com Weissmann (2021), apesar da dedução de que somente a língua materna poderia expressar-se subjetivamente, visto que uma de ordem estrangeira é aprendida no momento em que a instância superegoica opera - juntamente com as inibições e o

recalque - no psiquismo, especificamente na análise, a língua por si só, expressa-se para colocar em palavras o indizível a respeito de tempos anteriores, exercício de difícil enfrentamento. O movimento regressivo realizado para checar as lembranças em análise e fazer uma formulação verbal carrega consigo uma certa dor, já que se propõe a aproximar a representação do vivenciado das emoções vividas, oferecendo ao analisando uma forma de apropriação da própria história através da experiência do insight. Na análise em língua estrangeira é estabelecido um enlace entre os afetos e as lembranças que, ao expressar-se em uma língua diferente da materna, possibilita um distanciamento das proibições e exigências do supereu para que, assim, sejam feitas as ligações entre as representações e os afetos.

### **Pacientes bilíngues e o estabelecimento da transferência**

O inconsciente tem o poder de reter em seu interior diversos fragmentos, diversas palavras e locuções tomadas por um discurso de uma língua da infância que mais tarde veio a tornar-se estrangeira. Na tradução psíquica, não se aplica o conceito de uma língua original nem de língua final. Os sistemas psíquicos, antes de serem línguas, representam locais de inscrição. Qualquer língua de processos secundários depende desses componentes: imagens de sonhos, representação de palavras, traços mnêmicos superiores. No inconsciente, não estão presentes operações nacionalistas ou xenofóbicas. Observável, no entanto, é o fato de que o uso de duas línguas é sempre dissimétrico, uma língua ocupa o lugar de mestre, enquanto a outra se torna escravizada. Tal relação produz um paradoxo, colocando a última como a língua materna, o que leva o sujeito a renascer-se a caminho da maestria. No que diz respeito à clínica com pacientes bilíngues e políglotas, é necessário sim que se dê a devida importância ao ato da tradução, mas no sentido de *Übertragung*: transferência (Melman, 1992; Ayouch, 2015).

A transferência é um fenômeno que se estabelece através de uma relação com alguém a quem se fala. Ela pode ser interpretada como uma forma de tradução interlinguística. As línguas possuem a capacidade de se alargarem numa forma mútua e encontrarem domicílio uma na outra. A transferência pode ser comparada, em termos de uma tarefa humana, a um tradutor, que reúne dispersos fragmentos da língua pré-babélica que ecoam por todas as línguas. O tradutor realiza o trabalho de recordar e reparar simbolicamente o estado catastrófico de uma originalidade em pedaços, porém, sem nunca restituí-la. De forma similar, o mecanismo de transferência entre bilíngues ou políglotas realiza uma atualização no campo do imaginário nesse agrupamento de dispersão, mas nunca afetando-o simbolicamente. É importante destacar que não existe unidade e completude atualizada, a não ser em forma de mito. A questão do linguístico e pré-linguístico se compara ao vínculo existente entre a transferência e a tradução,

o processo de continuidade entre o corpo e a linguagem, simbolização e mundo fenomenológico (Lacan, 1960/1992; Ayouch, 2015).

A relação terapêutica pode ser afetada pela escolha da língua que conduzirá a análise, produzindo, assim, diversas reações de transferência e contratransferência. Elas variam de hostilidade e desconfiança à idealização, quando analista e paciente vêm de uma origem linguística completamente diferentes ou então similares. Em casos que o analista é nativo e o paciente não, duas respostas comuns ao mecanismo de transferência são: os elos com o passado são rompidos e o analista é colocado na posição de objeto transicional. Ao escolher um analista que não é um emigrante, revela o desejo de desconexão com alguém do passado por parte do paciente. A partir disso, o analista toma o lugar de objeto transicional, simbolicamente representando a ponte entre o futuro com uma oferta de nova identidade e um passado e os objetos primários. Em casos como este, a escolha do paciente é a de falar a segunda língua – não materna. Quando persiste a escolha da utilização de uma segunda língua em análise, deve-se levar em conta uma tentativa de reprimir o passado identitário. Em um novo país idealizado isso gera uma consequência de idealização também da figura do analista. Pode ocorrer uma fantasia, por parte do paciente, de que se detém um grande poder, projetado no analista local ou nativo (Lijtmaer, 1999).

Entretanto, não é sempre útil que o paciente realize um retorno para sua língua materna. O uso de uma segunda língua representa uma tentativa de estabelecimento de uma nova identidade, recalando uma “identidade do eu” do passado, e ajudando no processo de defesa contra impulsos infantis antigos. Para trabalhar de forma eficaz mediante sentimentos arcaicos e pulsões, de fato, a nova identidade do eu torna-se uma barreira. Entretanto, para certos casos, é possível perceber que o supereu correspondente à primeira língua atua de forma tão rígida e proibitiva que barra acesso às pulsões do isso. Sendo assim, uma necessidade o uso da segunda língua para que seja possível uma aproximação da neurose, contando com uma “nova” estrutura superegoica mais permissiva. De tal forma, é possível provocar uma descarga de memórias traumáticas até então recaladas. Em resumo, muitas vezes, a opção pela segunda língua não corresponde necessariamente a uma tentativa de indesejável resistência, mas sim, um promissor fenômeno de transferência (Krapf, 1955).

Em se tratando de uma análise realizada com um paciente bilíngue, também é de importante destaque normas culturais que envolvem limites e papéis. É criada uma relação entre o analista e o paciente, porém vinculada a uma relação profissional. Entretanto, os limites desse relacionamento profissional se mostram mais fluidos, por exemplo, em países latino-americanos do que nos Estados Unidos. Frente a isso, a transferência estabelecida com

pacientes bilíngues com frequência retrata o analista mais em um papel de parentesco do que simplesmente um profissional em relação terapêutica (Clauss, 1998).

Em uma abordagem semelhante, Ayouch (2015) destaca a possibilidade de uma segunda língua dar origem a uma atitude sedutora e fantasias relacionadas ao convívio ou a sensação de pertencimento à comunidade. É fundamental que o analista seja cauteloso para que a convivência não seja demasiada forte, abrindo espaço para uma ilusão de reciprocidade e simetria, e assim reduzindo-o à imaginária posição de semelhante. Existem limites ao bilinguismo ou poliglotismo, e o uso de uma segunda língua pode gerar uma manifestação de recusa por parte do paciente. Ele pode recusar-se a fazer a comunicação, e também transparecer onipotência em parte do analista. Além do mais, a dicotomia imaginária do paciente de não estar certo se pertence a uma cultura ou outra não pode ser confundida com a divisão subjetiva. Sendo assim, o paciente que domina mais de uma língua pode se beneficiar do trabalho terapêutico apenas no sentido de que nunca existe uma atualização para a língua antibabélica que é a da transferência, mas ecoa como um original que para sempre se encontra perdido, como um mito heurístico de espaço entre, com realização impossível, em constante transformação, sempre incoativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo investigou a relação existente entre a clínica psicanalítica e o campo da linguagem, mais especificamente sua implicância na análise de pacientes bilíngues. Desde seus primórdios, a psicanálise esteve permeada pelas línguas e pela linguagem, o ato da fala e a premissa de cura pela palavra. Com o desenvolvimento da teoria psicanalítica, pôde-se dar um novo sentido dado à linguagem e como a psicanálise foi influenciada pela teoria linguística.

Em um contexto clínico, realizaram-se importantes observações a respeito do uso da língua estrangeira no processo de análise. Evidenciou-se como o recalque opera no psiquismo de pacientes bilíngues e de que forma os mais diversos mecanismos de defesa atuam através de uma língua não materna, com diferente carga afetiva. É importante realçar a resistência que pode existir em relação a uma língua estrangeira devido ao processo de despersonalização que pode ocorrer e, por outro lado, a possibilidade de um afastamento de proibições e exigências superegoicas no distanciamento da língua materna.

Observou-se também como o mecanismo da transferência é estabelecido na clínica a partir de uma língua estrangeira e a importância da realização de uma tradução, no sentido de transferência, para que o fenômeno ocorra. Destacou-se o aspecto cultural que permeia a clínica

com pacientes bilíngues, com diferenças de limites e papéis, e como as distintas normas culturais entre analista e analisando tornam a relação profissional mais fluida, sendo fundamental a cautela do analista para que a convivência não seja demasiada forte. Observou-se a importância do conhecimento exposto para auxiliar na compreensão da clínica psicanalítica com pacientes bilíngues e suas implicações nos mecanismos de recalque e transferência. Por fim, destaca-se a importância de mais estudos relacionados ao tema abordado devido à grande diversidade de resultados encontrados.

## REFERÊNCIAS

- Akhtar, S. (1995). A Third Individuation: Immigration, Identity, and the Psychoanalytic Process. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 43(4), 1051-1084. <https://doi.org/10.1177/000306519504300406>
- Andrade, C. B. (2016). The specificity of language in psychoanalysis. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. 19(2), 279-294.
- Ayouch, T. (2015). Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. *Estudos de Psicologia*, 32(1) I 97-107. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000100009>.
- Baldin, T., Vidal, P., E., V. (2019). Antonin Artaud nos entremeios da invenção: um caminho possível entre a Psicanálise e a transformação da Linguagem. *Ephemerá*, 2(3), 108-124.
- Clauss, C. S. (1998). Language: The unspoken variable in psychotherapy practice. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 35(2), 188- 196. <https://doi.org/10.1037/h0087677>
- de Souza, R. A., da Silveira, J., & da Silva, V. L. (2014). Língua, signo, valor: a teoria linguística de Ferdinand de Saussure. *Revista ECOS*, 17(2), 286-302.
- Freud, S. (1974). “O inconsciente”. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Imago. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (2016). “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”. In: *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1893).
- Hatem, N. (2020). On the Untranslatable in Psychoanalysis. *Psychoanalytic Inquiry*. 40(8), 622–632.
- Javier, R. A. (1989). Linguistic considerations in the treatment of bilinguals. *Psychoanalytic Psychology*, 6(1), 87–96.
- Krapf, E., E. (1955). The Choice of Language in Polyglot Psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quarterly*. 24(3), 343-357.
- Lacan, J. (1988). “O Sujeito e o Outro (1): A Alienação”. In: *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar. (Texto original publicado em 1964).

- Lacan, J. (1992). “A transferência no presente”. In: *O seminário, livro 8: a transferência 1960-1961*. Zahar. (Texto original publicado em 1960).
- Lacan, J. (2003). “Os complexos familiares na formação do indivíduo”. In: *Outros escritos*. Zahar. (Texto original publicado em 1938).
- Lijtmaer, R., M. (1999). Language shift and bilinguals: transference and countertransference implicancias. *Journal of The American Academy of Psychoanalysis*, 27(4), 611-623.
- Longo, L. (2006). *Linguagem e psicanálise*. Zahar.
- Machado, Bruno Focas Vieira (2011). Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. *Alfa*, 55(1), 271-286.
- Melman, C. (1992). *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Escuta.
- Or-Gordon, E. (2021). Therapeutic Mother Tongue and its Implications on the Work of Polyglot Psychotherapists. *Language and Psychoanalysis*, 10(1), 4-26. <http://dx.doi.org/10.7565/landp.v10i1.5324>
- Saussure, F. (1913/2006). *Curso de linguística geral*. Cultrix.
- Savio, K. (2021). Del lenguaje a lalangue: cruces entre el psicoanálisis y la lingüística. *Folios*, 53, 45-56. <https://doi.org/10.17227/folios.53-10927>.
- Weissmann, L. (2021). Fazer análise em língua estrangeira? *Jornal de Psicanálise*, 54(101), 123-140.
- Yu Yu, C., Sagula, C., S., Silva, H., S., Weissmann, L., & Castanho, P., C. (2018). A clínica com migrantes no projeto Ponte: a opção pela língua portuguesa e a análise das heranças psíquicas da colonização. *Revista Percurso*, 30(60), 97-108.